

VASCONCELLOS, J. Leite de (1970). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 2.^a ed. Com adiatamentos e correções do Autor, preparada com base no exemplar conservado no Museu Etnológico “Dr. Leite de Vasconcellos”, por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos (a 1.^a ed. é de 1901).

*

Um Modernista

Difícilmente se apagará da memória de quantos tiveram a felicidade de assistir às magníficas provas de concurso prestadas por Alceu Amoroso Lima a elevação dos debates, a correção da banca examinadora e a singular capacidade e competência do candidato. O concurso, formalidade para a efetivação de um professor interino, que já era mestre incontroverso muito antes de ser candidato, transformou-se naquilo que o bom senso reclamava: uma consagração da maior figura literária do Brasil contemporâneo. Uma consagração e uma reparação, porquanto esta não foi a primeira ocasião que o ilustre autor dos “Estudos” bateu às portas da Universidade do Brasil. Das outras vezes, o ambiente intelectual acha-se intoxicado de paixões sectárias, e o caráter de extrema lealdade que Amoroso Lima empresta aos seus trabalhos encontrou obstinado empeco na rasa mediocridade de seus frágeis oponentes. Agora, porém, comparecendo perante juizes de horizontes mais amplos, houve um esplêndido triunfo, não diremos apenas seu, mas da própria cultura nacional. E cremos até que a defesa da tese da tarde de sábado iniciou nova feição em provas dessa natureza. Em vez da clássica preocupação de invalidar o estudo do candidato, tivemos oportunidade de presenciar uma espécie de “mesa redonda”, em que juizes e candidato, numa atmosfera de superior cordialidade, procuravam alternadamente fixar idéias a respeito de altíssimos problemas de estética e crítica literária. Enquanto ouvia, com raro prazer, o desenvolvimento dos debates, ia-se-me formando no espírito a convicção de que o movimento modernista ganhara mais um recinto. Realmente ninguém desconhece os vínculos que prendem Amoroso Lima ao discutido movimento. E, sem dúvida alguma, a expressão “crítico do modernismo” qualifica muito bem, dentro das nossas perspectivas literárias, a obra do intelectual Tristão de Ataíde. Podemos, pois, afirmar tranqüilamente que o candidato de 1947 não desmentiu de modo algum o moço entusiasta que em 1922 desafiou o prestígio de Coelho Neto erguendo nos ombros aquele incorrigível agitador literário que foi o inquieto Graça Aranha.

A tese que apresentou, por exemplo, “O Crítico Literário”, pouco se assemelha ao que a tradição assim tem considerado: de começo proposições para debate, as teses de concurso se foram convertendo em demonstrações de força, em que o candidato procurava concentrar nalgum tema predileto as suas

mais poderosas baterias culturais. E lá vinham longas citações de autores; quase sempre estrangeiros, com algum condimento de erudição germânica. A tese de Amoroso Lima é, entretanto, “outra coisa”. Não possui bibliografia, o que, para muitos, talvez se afigura pecado capital. Também não traz, no fecho do volume, as conclusões de esperar. A um censor extra, que lhe fez tal reparo, observando que o livro não apresentava conclusões “no fim”, respondeu com espírito o Autor que as conclusões estavam “no meio...”. Razão teve, pois, e muita, o sr. Pedro Calmon, ao declarar: “V. Excia. não fez esse trabalho com 25 livros e sim com 25 anos”.

Outro caráter da tese reside na subjetividade das suas fontes. Geralmente uma obra desse teor se orienta para as pesquisas mais impessoais. Amoroso Lima, porém, fez do seu trabalho quase um depoimento. Depois de muito ter lido, meditado, escrito; depois de ter lançado novos cidadãos na república das letras, de ter feito numerosos e fiéis admiradores, a par de um inexpressivo conglomerado de adversários maldizentes, decidiu-se a extrair da sua longa e rica experiência ensinamentos que os livros certamente não lhe poderiam dar.

A base do trabalho que apresentou não a encontraríamos, pois, na bibliografia, ostensivamente ausente, e sim na substância de sua própria vida. Fez, para usar de um termo em moda e também empregado pelo Autor, uma tese existencialista. Enganar-se-ia, porém, aquele que julgasse “O Crítico Literário” mero jogo de palavras, redigido com a superficialidade impressionista de um amável diletante. Para os que não conheciam ainda Amoroso Lima, a defesa de tese produzida demonstrou que, atrás das menores afirmações, estava uma prodigiosa cultura, impregnada das grandes verdades que desde a filosofia helênica, ou quiçá de antes, tiveram por objetivo decifrar o mistério da alma humana e do seu destino na face da Terra. Essa preocupação do “humano”, que o fez acabar por descobrir o “Divino”, é o sopro de profunda intuição que passa em todas as páginas de sua extraordinária tese.

Ao deixar o anfiteatro da Faculdade de Filosofia, veio-me, entretanto, uma reflexão melancólica. Não fora a feliz inspiração do ex-ministro Gustavo Capanema em chamar para o novo instituto de curso superior que acabara de ser fundado a pessoa por todos os títulos notável de Alceu Amoroso Lima, e a estas honras a mocidade de nossa terra estaria privada de ouvir, numa escola do Estado, a palavra inadjetivável de um mestre excepcional. Um artigo de lei mal formulado e pior interpretado lhe houvera tolhido a inscrição no concurso...

Para alegria nossa, porém, e honra da inteligência brasileira, felizmente tal catástrofe não se verificou.

(09/04/1947)